

# EM BUSCA DAS CHAVES DO NOVO HUMANISMO: BAKHTIN, O CHAVEIRO DO SÉCULO XXI

Valdemir Miotello<sup>1</sup>  
Ivo Di Camargo Junior<sup>2</sup>

## RESUMO

Em *Matrix reloaded* uma figura muito emblemática surge para dar um sentido à trama: o chaveiro. Neste texto trazemos Bakhtin como esse chaveiro, um homem cuja filosofia nos leva a novas formas de pensamento e constituição de um novo ser humano, pleno de alteridade e de excedente visão sobre o outro.

**Palavras-chave:** mikhail bakhtin, humanismo, alteridade, excedente de visão.

Em *Matrix reloaded* uma figura muito emblemática surge para dar um sentido à trama: o chaveiro. Para salvar Zion, ou poderíamos dizer, para salvar o humano, Neo, Trinity e Morpheus precisam encontrar o Chaveiro. Abrir a porta certa. Mas qual porta escolher? A porta que abre para a insistente oposição entre humanos e máquinas, que coloca os humanos como engrenagens das máquinas, que as transforma em ameaças à humanidade, e que as considera responsáveis pela desumanização negativa do homem, não parece levar Neo e seus amigos ao final da guerra. Ou abrir a porta que talvez poderá levar o homem a uma nova fase de convivência e harmonia com seu próximo seja ele quem for? Neste texto trazemos Bakhtin como esse *chaveiro*, um homem cuja filosofia nos leva a novas formas de pensamento e constituição de um novo ser humano, pleno de alteridade e de Bakhtin como esse *chaveiro*, um homem cuja filosofia nos leva a novas formas de pensamento e constituição de um novo ser humano, pleno de alteridade e de excedente de visão sobre o outro. Um pensador que insiste na ação constituidora da linguagem.

Como podemos inferir que Bakhtin pensara um novo humanismo, se este não está presente nas obras do círculo de maneira clara e direta? Bakhtin em um de seus primeiros escritos afirmava que *arte e vida não são a mesma coisa, mas devem*

---

<sup>1</sup> Docente – PPGL – UFSCar. E-mail: miotello@terra.com.br

<sup>2</sup> Mestrando – PPGL – UfsCar.

*tornar-se algo singular em mim, na unidade da minha responsabilidade*<sup>3</sup>. Pensamos que somente quando o sujeito resolve inserir a arte como uma concepção filosófica em sua vida é que se inicia um novo humanismo dentro desse sujeito que está se construindo a partir de então. Mas como esse sujeito pode reunir vida e arte em si, pensar dialogicamente e respeitar a alteridade, manter discursos polifônicos em si e, enfim, participar do mundo como um novo ser humano prenhe de contribuições a dar ao seu próximo? Para isso teremos que mergulhar mais profundamente na obra de Mikhail Bakhtin.

Em seu artigo *Discurso na vida e discurso na arte* (1926), o teórico russo dedica-se à diferença entre a comunicação verbal na arte e no âmbito da vida cotidiana e aqui pensamos haver uma grande contribuição a um novo humanismo. No ensaio, o autor afirma que *a arte é um ato de comunicação*. A linguagem, para o autor, não é um sistema acabado mas um processo de vir a ser. Porque, afinal, o homem não nasce e recebe uma língua pronta, acabada e fechada em si mesmo. Pelo contrário. Ele entra na sua trajetória de vida no meio do caminho das comunicações verbais que existiram, existem e ainda existirão, no jogo da interação verbal. Dessa forma voltamos muito no tempo, mais precisamente aos gregos.

*Tudo é fogo. Tudo é água. Nenhum homem banha-se duas vezes no mesmo rio.* Desde quando os primeiros filósofos se perguntaram pela origem das coisas, pelos sentidos do mundo, começou, de fato, uma verdadeira odisseia pela Linguagem e, por conseguinte, pelo próprio homem. E, na história do estudo da linguagem, ganha papel de destaque Ferdinand de Saussure que, com o intuito de consolidar tal estudo como Ciência, enveredou pela necessidade de teoricamente excluir de seu projeto o referente, o mundo, o sujeito, a história<sup>4</sup>. Como ele instaurou os estudos da linguagem em um estatuto de ciência, não foram poucos os teóricos que, no decorrer do século XX, se voltaram a Saussure, seja para completá-lo, seja para negá-lo.

Todavia, outros percursos históricos evidenciam que homem e língua são indissociáveis, e chegam a afirmar que não há ciência mais antropológica que a Linguística. Dessa forma, buscar refletir sobre os fenômenos linguísticos é encontrar-se

---

<sup>3</sup> Bakhtin, M. Arte e Responsabilidade. In: Estética da Criação verbal. 4. Ed. Martins Fontes. São Paulo. 2003. Trad. de Paulo Bezerra.

<sup>4</sup> Tais exclusões foram apontadas por: Guimarães, Eduardo. Os limites do Sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.

com o homem em sua essência, pois, se nos coubesse uma única afirmação sobre o mundo, diríamos que este, a realidade, é inteiramente apreendida pela linguagem e que só por ela o homem toma consciência de si e dos outros.

Por algum tempo o mundo andou silenciado por diversas concepções filosóficas que colocavam o ser humano na berlinda de sua própria existência. O capitalismo e suas maquinações maquiavélicas, o socialismo de uns mais iguais que os outros, marxismos não compreendidos ou mal estudados, filosofias de gaveta que nada explicavam e por aí iam essas teorias que regiam esse ser humano, normalmente calado por ditaduras de pensamentos controversos e monológicos. Ainda hoje percebemos que, mesmo no mundo acadêmico da linguística, nossa área de atuação, onde pensamentos linguísticos diversos são conhecidos por muitos, ainda não se vê o facho de luz libertária que deve conduzir os estudiosos da linguagem a produzirem pensares que liguem vida e linguagem; o jugo dos estudos linguísticos desenvolvidos a partir de visões sistêmicas, normativas deve acabar, para que a linguagem seja encarada como constituidora do humano dos homens.

Dizem alguns estudiosos: o que faz um aluno de outra área na nossa área? Ou também, minha teoria não comporta esse tipo de pensamento. Aluno que não estuda Fulano de tal não pode ser orientado por mim. Se não tiver experiência na área não poderá trabalhar com competência comigo. Muitos pensamentos equivocados que só levam ao fechamento das novas ideias do porvir e calam a voz dos que surgem para tentar ver caminhos diferentes.

Para pensar o novo podemos buscar em Bakhtin caminhos ainda não trilhados nos estudos da linguagem. É possível que seu profundo respeito pelo ser humano possa constituir propostas diferentes para o estudo da linguagem e para a vida. Bakhtin lançara em sua arquitetônica certos pensamentos que ajudam a ver por outros ângulos a própria vida e a linguagem. O *excedente de visão estética*, por exemplo, é uma categoria importante e deveríamos nos servir mais dela para poder perceber melhor as relações de proximidade e diferença que temos para com o nosso outro; isso reforça a compreensão de que somos emanados do outro, que guardamos relações íntimas com o outro, mas que também divisamos conjuntos do outro que nem ele tem conhecimento; da mesma forma ele domina partes constituidoras de mim que eu mesmo desconheço. Sou verdadeiramente incompleto; o outro também é

incompleto; ambos dominamos escaninhos um do outro desconhecidos ao outro; e isso impede a possibilidade de um ser tragado pelo outro; um não pode dominar inteiramente o outro; a completude tão cobiçada não é possível; a busca pela completude é fundante e duradoura.

Como pilares fundamentais na arquitetônica bakhtiniana, o *dialogismo* e a *alteridade*, tal como Bakhtin os comprehende e define em suas obras, não são conceitos restritos ao trabalho de análise de elementos de linguagem, e sim se referem a um modo específico de vida. Estas categorias permitem também a construção de um modo de se relacionar com o outro, de compreendê-lo e de produzir conhecimento sobre as relações e experiências que se constituem no ato e no contexto das relações humanas. O próprio ato de investigar, pesquisar ou interagir com o outro já pressupõe e mobiliza relações de alteridade, estabelecidas entre o pesquisador e a realidade, entre o eu e o outro, ou outros sujeitos a conhecer, abertos à diversidade de lugares e pontos de vista assumidos, que se encontram e confrontam na trajetória da construção do conhecimento. Só dá para entender a identidade, do que quer que seja, nas relações de alteridade. A identidade é relacional. É a diferença que diz quem o Eu é.

É, pois, na *esfera dos discursos* tecidos nas relações sociais que começamos a perceber esse novo humanismo indicado por Bakhtin. Encontros e desencontros de valores e visões de mundo acontecem e abrem possibilidades para o conhecimento da vida social e da experiência subjetiva. Pesquisar e tentar compreender o ser humano, e suas interfaces com a vida cultural, não remete a um ato de cognição e discurso sob a exclusividade daquele que se propõe a conhecer. O sujeito, “objeto” do conhecimento, não se coloca como *coisa muda* (BAKHTIN, 2000, p. 403), mas como um sujeito que também fala e responde, alterando o curso dos acontecimentos no decorrer da interação. Eis uma grande contribuição ou uma chave de Bakhtin para um novo humanismo. Estamos aqui no reino dos estudos e das vivências de um *sujeito-que-fala* com *outro-sujeito-que-fala*. Esse diálogo menor, plantado no *cotidiano* dos humanos, se alarga para incluir em suas fronteiras sem limites os contextos mais amplos possíveis. É o homem humanizando à sua volta, constituindo as coisas em outros, com os quais interage, modificando-os continuamente e sendo pelos outros modificados, numa ciranda sem-fim. A *mediação* é a linguagem.

Desse modo, o *diálogo* é inesgotável e não aparece somente nas

interlocuções estabelecidas no processo de interação verbal, mas atravessa os discursos tecidos no ato de compreender e nas diversas experiências e relações que dão vida a esse processo e que ocorrem na vida. A vida é uma *trança*. Trançada com milhares de relações. Em cada interação se tomam alguns fios para constituir a trança, fios disponíveis naquele contexto mais imediato e preciso; que vão dando os tons e as *entonações valorativas* naquela interação. Assim o dialogismo e a alteridade fazem da construção do sentido, nas relações humanas, um acontecimento compartilhado que sobrevive apenas e tão somente na relação com o outro.

Bakhtin também calcara esse novo humanismo pondo como base do princípio dialógico a filosofia do diálogo ou da relação. A palavra é afirmada como dialógica, estabelece relações entre os seres humanos e funda a experiência da intersecção, da interação. Para essa filosofia, o homem não é um ser individual, mas constituído em uma relação dialógica com o *outro*. O outro é condição de existência do eu, pois a realidade do homem é a realidade da diferença entre um eu e um outro. O eu não existe individualmente, senão como abertura para o outro. Origina-se aí a constituição do *par fundador* Eu - Outro.

O homem, em busca de seu acabamento, procurando completude em sua própria existência, acaba numa verdadeira saga com/pela linguagem e encontra-se consigo mesmo e com o outro no *mundo dos signos*. Estes se constituem na faísca criadora. É como o fogo sagrado que um constrói com o outro. Ele não passa de um para o outro, mas se dá na relação mesma. Constituem-se como ponte entre Eu e Outro. Essa ponte liga e afasta. Mantém cabeceiras distantes e unidas. Singulares. O signo é o mundo transmutado. É a *materialidade* prenhe com nossa história e com meus olhares. Neles estão meus *pontos de vista*, o jeito como vejo as coisas; estão minhas *ideologias*.

Não obstante, ao pensar num universo dialógico, só podemos perceber a linguagem como processo e não como produto. O signo, então, de forma alguma apresentaria apenas um único e preciso sentido, pois nele está presente uma multidão de vozes, do passado, do presente e mesmo do futuro *por-vir*. Dado que um sentido, qualquer que seja ou tenha sido, não pode ser simplesmente apagado, pois se funde com a matéria na qual se enxertou, ainda salientaríamos, como Bakhtin, que todo sentido pode um dia ser reavivado, num contexto sócio-histórico totalmente

novo. Nada está perdido para sempre. Nada está garantido para sempre. Depende dos sujeitos em jogo nas situações precisas.

É também refletindo sobre este movimento constante do humano e do mundo, este sempre vir-a-ser da linguagem, que podemos compreender a estreita relação entre o mundo *ético* e *estético*. Ao tomarmos os estudos de Bakhtin e seu círculo como base para nossos pensamentos, admitimos a grande dificuldade em olhar nosso objeto de modo que a vida e a arte possam caminhar juntas, numa constituição/dependência mútua, sendo elas, reciprocamente, responsabilizadas ou culpadas pela esterilidade da arte ou pela conversa trivial do dia-a-dia. Onde tem um processo estético se dando, ali também tem um processo ético acompanhando. O que digo corresponde ao que sou. Minhas palavras saem de mim banhadas completa e inteiramente do meu-eu. Como já as recebi banhadas dos outros-eus, os sons, as vozes, os valores que elas constituem são valores éticos *coletivos*, materializam a *memória* de todos nós, dizem quem somos. Sou alheio e próprio. Sou os Outros e sou Eu.

O aspecto *ideológico* do signo é produto sócio-histórico formado na atividade constante de inter-relação do homem com outro homem, mediado pelo/com o mundo. Não podemos separar homem e língua, língua e social, ético e estético, ideologia oficial e ideologia do cotidiano. O que encontramos em Bakhtin é um campo de estudos deveras sofisticado, composto do mutável e do vir-a-ser. Como a própria vida, a língua está sempre em constante processo de *re-significação*. Parar o objeto, ou mesmo fazer um recorte muito restritivo, coloca em risco o estudar e o viver. Conceber a língua como não ideológica, ou uma consciência como podendo ser livre das ideologias e das relações sociais cria um sujeito abstrato, não-real, vivendo em um mundo abstrato, não-real.

Ao apurarmos nosso olhar, perceberemos que a língua, ao passo que apresenta certo grau de determinação em sua realização, em sua essência é indeterminada. Explicamos: em cada situação enunciativa, os signos re-significam, são re-interpretados pelos sujeitos participantes da interação verbal. Mas se assim é, como conseguimos nos comunicar? Lembramo-nos de uma pergunta feita a Sofia, em *O mundo de Sofia*, de Jostein Gaarder: *por que todos os cavalos são iguais?* A resposta parece caminhar para um pensamento diacrônico que leve em consideração as situações em que aquele signo apareceu, os sentidos que ele adquiriu e quais

sentidos foram mais frequentes num determinado grupo de sujeitos. Logo, todos os cavalos são iguais porque apresentam certa *cavalinidade* determinada pela história. Mas todos os cavalos são diferentes ao mesmo tempo porque se constituem em contextos precisos. Assim a linguagem: *igual* e *diferente*, replicante e singular. Não conseguimos reproduzir duas vezes o mesmo contexto; banhar-se duas vezes no mesmo rio ainda tem sido impossível. E não só por conta do rio, mas também por conta do banhista que nunca é o mesmo, e das margens que mudam sempre, e dos cantos dos pássaros, sempre diferentes, assim como a brisa e também a claridade do dia e as nuvens velozes ou escuras.

Para Bakhtin, a compreensão do processo ideológico dá-se no jogo entre a *Ideologia Oficial* e a *Ideologia do Cotidiano*. Ao passo que a primeira indica pensamentos, visões, pontos de vista, pensares, dizeres já enraizados em nossa sociedade (o discurso da igreja, da política, etc.), a segunda seria aquela que vai se dando no cotidiano e ainda não tem forças suficientes para tornar-se oficial e hegemônica. Ambas estão em contato constante; enquanto a Ideologia do Cotidiano se alimenta da oficial, esta também se alimenta da ideologia do cotidiano, a ela responde, a ela faz referência. E assim vão vivendo nas inter-ações humanas, nos signos trocados em cada *evento*.

Pensamos agora um pouco mais profundamente, um pensar sub, além e aquém de perspectivas estruturais. Mergulhamos um tanto mais profundamente para pensar esse humanismo do mestre Bakhtin e colocar as suas reflexões num patamar mais próximo da realidade. Produzir e construir sentidos na arquitetônica do teórico russo é algo que intentamos encarecidamente. Olhar Bakhtin com óculos bakhtinianos é ver a *ideologia* que permeou as discussões de seu círculo aflorarem em nossos olhares do cotidiano frente a um discurso oficial. O que dizemos por filosofia da linguagem, análise do discurso, teoria da literatura, produções e campos do saber tão vastos e dinâmicos, podem ser reunidos nesse humanismo de Bakhtin, visto que por ser dono de uma visão de mundo e obra tão vasta, pode dialogar com os diferentes saberes das ciências humanas e ir até as entranhas do outro com um olhar extraposto, um olhar cirúrgico que vê não somente o outro, mas vê a multidão de outros que surgem diante de nós.

É praticamente impossível marcar Bakhtin com uma classificação. Como diria o

poeta Carlos Drummond sobre o amor e que aqui contextualizamos em Bakhtin, *Amor foge a dicionários e a regulamentos vários*. Pensamos aqui que guardadas as temáticas e as devidas proporções, pensamos que Bakhtin foge a dicionários e a regulamentos vários, classificações, normas e regências. Bakhtin é *meio que inclassificável*, como diria a professora Luciane de Paula. Mataríamos suas concepções se o fizéssemos. Suas concepções filosóficas, divinas, de linguagem, de estética, de vida seriam jogadas na lata do lixo. Pensadores clássicos como Kant (que influenciou Bakhtin), Thomas Hobbes, Emile Durkheim, Max Weber entre outros, discutiram e fizeram diversos estudos acerca do humanismo, sobre o termo *indivíduo* um tema o qual muito se discute. Bakhtin demonstra que a base das relações sociais mais frutíferas não está nesse Eu e sim nas relações entre esse Eu e o Outro. O ser humano hoje vive meio que às cegas diante de novas ordens de poder que não se sabe de onde vem e nem se sabe qual será o seu papel nessa nova realidade. O futuro está se dando, como sempre, na curva da história e dos acontecimentos. Difícil ver muito além. O longe fica perto. As certezas se reduzem.

A biologia hoje defende e afirma o *ser humano* como o seu genoma, o que não foge de uma verdade cientificamente exata; o homem é a totalidade de seus genes mapeados e conhecidos em suas devidas funções, porém a filosofia ainda levanta questões em cima da explicação biológica: seria o homem somente isso? Deixou o ser humano de ser uma questão ontológica, teológica e social para reduzir-se a um desafio biológico? Bakhtin vem nos dizer que não. Ele afirma no *Freudismo* que não basta nascer biologicamente e sim é necessário um segundo nascimento, o social, que inserirá esse indivíduo e seus discursos num contexto sócio-histórico. Não nascemos para um Eu; nascemos de um Nós.

Esse conflito entre a ciência que tenta explicar o homem de dentro para fora e os pensares que encaram as relações humanas e explicam o homem de fora para dentro nos relembram uma sacada irrefutável de Bakhtin ao definir as forças *centrifugas* e *centrípetas* como constituidoras das relações humanas, ideológicas e enfim, do próprio sujeito. Max Scheller escreveu no início do século XX quase que concomitante aos trabalhos de Bakhtin que *na história de mais de 10 mil anos, pela primeira vez o homem tornou-se problemático para si mesmo. O*

*homem não sabe mais quem ele é e nem se dá conta de sabê-lo*<sup>5</sup>

Diante desse quadro de incerteza generalizada e buscas teimosas, é preciso então que nos preocupemos em cuidar de *nossa jardim coletivo*, inventando uma nova forma de agir solidário, para evitar o previsível caminho da disrupção social e da destruição pessoal. Não se trata de cultivar o jardim no sentido do Cândido, de Voltaire, isto é, de que cada um se ocupe individualmente de seus pequenos negócios particulares. Trata-se de fortalecer a consciência de que o homem partilha o mesmo lar comum, que hoje é o próprio Planeta. A marcada tendência ao egocentrismo deve se equilibrar com a idéia de que há um *bem comum* a ser construído. Não apenas *eu*, mas *nós* são os sujeitos da ação e da vida na Terra. Para tanto, uma reforma do conhecimento é necessária, de modo a tornar o homem capaz de compreender a complexidade do Universo, de superar o estágio de subdesenvolvimento do espírito em que está aprisionado, pois só apreendemos aspectos parciais e fragmentários da realidade, enquanto os problemas vitais escapam ao nosso campo de visão. Trata-se, no fundo, de reunificar o saber humanista e o conhecimento científico, dando lugar a um pensamento mais rico, mas complexo, que nos proporcione soluções melhores que as que hoje tendem a predominar. É nesse contexto que inserimos o pensamento de Bakhtin.

Albert Einstein, iminente físico e pensador contemporâneo de Bakhtin também afirmara em carta ao amigo Max Born essa busca ao novo ser humano. Dizia ele:

O ser humano vivência a si mesmo, seus pensamentos como algo separado do resto do universo - numa espécie de ilusão de ótica de sua consciência. E essa ilusão é uma espécie de prisão que nos restringe a nossos desejos pessoais, conceitos e ao afeto por pessoas mais próximas. Nossa principal tarefa é a de nos livrarmos dessa prisão, ampliando o nosso círculo de compaixão, para que ele abranja todos os seres vivos e toda a natureza em sua beleza. Ninguém conseguirá alcançar completamente esse objetivo, mas lutar pela sua realização já é por si só parte de nossa liberação e o alicerce de nossa segurança interior.

Outro olhar fundamental para aprofundarmos a compreensão dos processos de humanização são as contribuições de Bakhtin para pensar o processo de

<sup>5</sup> *A posição do homem no cosmos*. Trad. Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

aprendizagem como construção de significados e pressupõe incorporar, de um lado, os contextos históricos e culturais e, de outro, as funções mentais do indivíduo. Os significados estariam sempre baseados na vida grupal. Dessa forma, recusamos a idéia de que um sujeito possa deter um significado, de maneira individualizada. Na visão bakhtiniana, a vida social é definidora na construção dos significados. As experiências de vida e as aprendizagens refletem nossa forma de estar na coletividade. Assim sendo, o mundo interior e a reflexão têm um auditório social, no dizer de Bakhtin *Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro*<sup>6</sup> (1998, p. 113). Essa ponte, a palavra, possui duas faces: procede de alguém e dirige-se para alguém, caracterizando-se como um elo numa cadeia de significação. Está, portanto, carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. Dentro desse contexto, o autor define o que denomina de *enunciação* como o produto da interação de dois (ou mais) sujeitos. Aprofundando a concepção social, Bakhtin nos alerta para o fato de que o texto (entendido aqui como qualquer enunciação falada ou escrita) é povoadão por várias vozes, ou seja, por vários sujeitos falantes, que ocupam um lugar social. Possui duas funções básicas: a de transmitir significados e a de gerar novos significados. Nessa perspectiva, introduz dois conceitos fundamentais para a compreensão da dinâmica discursiva: a função unívoca e dialógica. Na função unívoca, de transmissão de significados, o falante e o ouvinte coincidem. Seria um texto a uma só voz, um texto de autoridade. A função dialógica, contrariamente, busca e dá conta de gerar novos significados, apresenta-se como dispositivo para pensar. Essa gangorra entre pólos distintos e inseparáveis consegue produzir o novo, partindo de já-dados, já-ditos, já-vividos, em junção com os ainda-não. Esse é o tempo e o contexto preciso do presente, tempo fugidio, vivência em movimento em união com outra vivência em movimento.

A sala de aula pode ser identificada como um lugar propício para ser analisado do ponto de vista bakhtiniano nesse processo de busca do novo ser humano, uma vez que o objetivo central é a construção de significados nesse novo homem, através do discurso. Dentro dessa perspectiva, podemos identificar, pelo menos, dois gêneros discursivos: o discurso do cotidiano (que se faz presente

---

<sup>6</sup> BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. Hucitec, SP, 1997.

quase sempre na voz do aluno) e o discurso científico (apresentado quase sempre através da voz do professor). A aprendizagem vai se dar, portanto, no embate travado por esses gêneros de discursos. Construir significados nessa “*arena em miniatura*”, imagem cunhada por Bakhtin, requer uma tomada de consciência, no sentido vygotskyano, tanto por parte do professor, quanto por parte do aluno, de seu papel social e dos objetivos que se quer alcançar. O contexto científico, gerado na história das idéias dos homens, a história do homem de outrora, apresenta-se na sala de aula como um texto de autoridade, tendendo à univocidade. Em contrapartida, para se construir significados acerca desse mesmo texto faz-se necessário incorporar as vozes dos alunos que trazem, em contrapartida, o discurso do cotidiano, construído nas práticas sociais e formando assim a base de um novo humanismo e de novas compreensões. Dessa forma, o discurso científico é desconstruído nas vozes dos alunos, que usam o texto como um instrumento de pensamento, de elaboração, para criar novos significados. À medida que os alunos vão se apropriando do conhecimento científico num processo de compreensão, as vozes vão se tornando unívocas, estabilizando significados. Podemos, assim, dizer que é num movimento de alternância entre univocidade e dialogicidade, expressos na tensão discursiva da busca de significados, que as aprendizagens vão sendo construídas e esse novo ser humano vai se formando.

Estamos aqui inferindo cada vez mais e mais como então podemos definir um novo ser humano a partir da teoria de Mikhail Bakhtin. Nesse último exemplo tentamos expor como este surge nas salas de aula, e melhores explicitações podem ser pesquisadas nos textos de um dos maiores estudiosos de Bakhtin no Brasil que é João Wanderley Geraldi. Mas voltando ao início de nosso texto, quando contextualizamos Bakhtin e o *Chaveiro* de Matrix, o que tentamos expor ao longo desse texto é que assim como a personagem do filme, que construía chaves a todo o momento para a situação que se apresentava, vemos Bakhtin como um autor cujas teorias aparecem em momento oportuno onde os discursos oficiais querem monologizar a palavra. Uma chave para cada situação diferente é o que sempre percebemos. Marina Yaguello, na sua Introdução ao livro *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, afirma que Bakhtin antecipara em mais de 50 anos as discussões acerca dos estudos da linguagem na humanidade. Esse é um feito considerável que por muitos é questionado, mas que de maneira alguma

pode ser minimizado. Bakhtin já fora introduzido na França estruturalista dos anos 1960, quando as estruturas, dizia-se, iam às ruas. E levava junto pensares sobre a ação do sujeito na e pela linguagem; ele insistia que linguagem era uma atividade constitutiva. E que o sujeito é um sujeito de ação.

Mas, assim como o chaveiro da Matrix, que tinha uma chave para cada situação que se apresentava, era mantido prisioneiro por um personagem que reunia em si o mal ou o discurso monológico, o *Merovíngio*, e no fim é libertado por Neo para ajudar a salvar a humanidade, Bakhtin percorre percurso semelhante. As obras de Bakhtin revelam uma profunda sensibilidade para as questões inerentes ao ser humano; elas, à semelhança de seu autor, foram mantidas prisioneiras de sistemas onde as liberdades individuais eram perseguidas; felizmente a dialogia resgatou Bakhtin, e seus pensamentos também foram sendo apropriados e divulgados, de modo que somos instigados a pensar sobre novos caminhos constituidores de homens e de mundos, de sentidos e de signos, de linguagens e de estruturas.

Comparações e abstrações à parte, o que temos a dizer, para concluir, é que a contribuição de Bakhtin para um novo humanismo é latente. Seus pensamentos nos ajudam a formular um ser humano mais igual e diferente ao mesmo tempo. Se a linguagem nos une, Bakhtin utilizou-se disso para propor um novo ser humano, numa relação onde, como diria Geraldi, as diferenças é que são constituidoras e as semelhanças e as desigualdades é que são deformadoras. Fechamos este trabalho com um pequeno excerto da obra de Bakhtin que julgamos embasar nossos pensamentos acerca desse novo humanismo. *O texto como tal não é inerte: se partirmos de qualquer texto, passando às vezes por uma longa série de elos intermediários, no final das contas sempre chegaremos à voz humana, por assim dizer, nos apoiamos no homem*<sup>7</sup>.

## Referências

Bakhtin, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

---

<sup>7</sup> In: Questões de Literatura e Estética. Editora Unesp. São Paulo. 1988

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. *O Freudismo. Um esboço crítico*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo, Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo - Brasília: Hucitec-EdUNB, 1996.

\_\_\_\_\_. *Questões de literatura e estética. A teoria do romance*. 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

\_\_\_\_\_. (1926). *Discourse in life and discourse in art – concerning sociological poetics*. Publicada em Freudism, New York. Academic Press, 1976. (Discurso na vida e Discurso na arte – sobre poética sociológica. Trad. para uso didático de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza).

## IN SEARCH OF THE KEYS OF NEW HUMANISM: BAKHTIN, THE KEYCHAIN OF XXI CENTURY

### ABSTRACT

Matrix reloaded presents a very symbolic figure emerges to give a meaning to the plot: the Key maker. We intend in this article to consider the author Mikhail Bakhtin as the Key maker, a man whose philosophy leads us to new ways of thinking and formation of a new human being, full of otherness and surplus of vision over the other.

**Keywords:** mikhail bakhtin, humanism, otherness, surplus of vision.